UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Ricardo Monteiro Avelino

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS CEGAS NO ENSINO REGULAR DE JOÃO PESSOA

João Pessoa-PB
2023

Ricardo Monteiro Avelino

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS CEGAS NO ENSINO REGULAR DE JOÃO PESSOA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Adenize Queiroz de Farias.

João Pessoa-PB

2023

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A948a Avelino, Ricardo Monteiro.
Alfabetização de crianças cegas no ensino regular de João Pessoa / Ricardo Monteiro Avelino. - João Pessoa, 2023.
23 f. : il.

Orientação: Adenize Queiroz de Farias.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Deficiência visual. 2. Alfabetização. 3. Sistema Braille. I. Farias, Adenize Queiroz de. II. Título.

UFPB/CE CDU 376-056.262(043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

Ricardo Monteiro Avelino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 10 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

_____

Dra. Adenize Queiroz de Farias
Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

_____

Dr. Vinicius Martins Varella
Membro avaliador
Universidade Federal da Paraíba

_____

Dra. Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins
Membro avaliadora
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a minha gratidão ao meu Deus. Sou grato a Ele por ter me capacitado e por me ter colocado na melhor e maior universidade pública da capital paraibana, e por isso, sempre agradeço.

Também agradeço aos meus pais, que me deram o maior apoio para fazer este curso, sempre me direcionando a correr atrás dos meus sonhos e a nunca desistir.

Agradeço à minha companheira, que está ao meu lado em todos os momentos e nas minhas conquistas.

Agradeço aos meus amigos do curso, assim como aos meus apoiadores, que me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço a todos os docentes do campus I e à coordenação do curso, que me deram a oportunidade de concluir o curso de Pedagogia.

Obrigado, meu Deus.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, venho apresentar as principais problemáticas sobre a educação inclusiva e, principalmente, sobre a alfabetização de crianças cegas e sua participação no ensino regular da cidade de João Pessoa (PB). O objetivo geral do estudo é discutir a utilização do sistema Braille no processo de Alfabetização de crianças cegas na rede municipal de João Pessoa. Estudamos vários autores que discutem sobre a alfabetização de crianças cegas em braille e ainda procuramos ouvir alunos e ex-alunos do curso de pedagogia buscando saber se a sua formação trazia conhecimentos sobre a deficiência visual e o sistema braille. Como metodologia, fizemos entrevistas com três professores de uma escola regular do município de João Pessoa que recebe alunos cegos, buscando perceber como era o trabalho desses profissionais. Os relatos dos entrevistados mostraram que os professores acreditam que o braille é bastante interessante e ainda elogiam a agilidade dos alunos cegos na leitura e escrita braille. Alguns dominam o método, até porque aprenderam no instituto dos cegos, mas nem sempre costumam utilizá-lo em sua sala de aula, pois a escola não conta com impressora braille e o apoio do instituto dos cegos se torna indispensável. Com a realização desta pesquisa, espero contribuir para despertar nos novos educadores a curiosidade e o desejo de aprofundar os conhecimentos em educação especial, principalmente em relação ao sistema braille, para que possam ajudar crianças e adultos cegos, não apenas na leitura e na escrita, mas no desenvolvimento das mais diversas atividades cotidianas. Espero ainda que haja uma formação continuada inclusiva e que os professores possam aprender a utilizar o sistema braille, para que as crianças cegas possam ser realmente alfabetizadas e se desenvolvam plenamente, na escola e na sociedade.

Palavras-chave: Deficiência Visual; Alfabetização; Sistema Braille; Formação de Professores.

ABSTRACT

In this final paper, I present the main issues surrounding inclusive education and, in particular, the literacy of blind children and their participation in mainstream education in the city of João Pessoa (PB). The general aim of the study is to discuss the use of the Braille system in the literacy process of blind children in the municipal school system of João Pessoa. We studied various authors who discuss the literacy of blind children in Braille and we also tried to listen to students and former students of the pedagogy course to find out if their training provided knowledge about visual impairment and the Braille system. As a methodology, we conducted interviews with three teachers from a regular school in the municipality of João Pessoa that receives blind students, in an attempt to understand what their work was like. The interviewees' reports showed that the teachers believe that braille is very interesting and even praise the agility of blind students in reading and writing braille. Some have mastered the method, not least because they learned it at the Institute for the Blind, but they don't always use it in their classrooms, because the school doesn't have a braille printer and the support of the Institute for the Blind is indispensable. By carrying out this research, I hope to help awaken in new educators the curiosity and desire to deepen their knowledge of special education, especially in relation to the braille system, so that they can help blind children and adults, not just in reading and writing, but in the development of the most diverse daily activities. I also hope that there will be ongoing inclusive training and that teachers will be able to learn how to use the Braille system, so that blind children can be truly literate and develop fully in school and in society.

Keywords: Visual Impairment; Literacy; Braille System; Teacher Training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 8

2. APRENDIZAGEM E ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS CEGAS: UM CAMINHO POSSÍVEL 10

2.1 Características da criança cega e com baixa visão 11

2.2 A história do sistema braille no Brasil 12

2.3 As ferramentas para leitura e escrita Braille 14

2.3.1 Livro Braille: 14

2.3.2 Instrumentos para a escrita Braille: 15

2.3.3 Aparelhos eletrônicos para transcrever os textos em Braille 15

2.3.4 Impressora e linha Braille 16

2.4 A importância do sistema braille para alfabetizar crianças cegas 17

3. PERCURSO METODOLÓGICO 19

4. ALGUNS DESAFIOS ENCONTRADOS PARA O ENSINO DO BRAILLE EM JOÃO PESSOA 20

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 23

REFERÊNCIAS 25

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso (TCC), irei refletir o processo de alfabetização de estudante com deficiência visual. Com isso, para melhor compreensão da temática trazemos alguns autores importantes que discutem sobre o sistema Braille e sua importância na alfabetização de crianças cegas.

Para professores que tenham crianças cegas inseridas no ensino regular, espera-se que a alfabetização por meio do sistema Braille contribua para o seu desenvolvimento, garantindo-lhes maior autonomia na escrita e também na leitura. Portanto, defendo que o braille é um sistema inclusivo e, por isso mesmo, é fundamental para que as crianças cegas possam compreender todo conhecimento que os educadores estão transmitindo na sala de aula.

Assim, esses seis pontos em relevo, que se tornam letras e números são importantes pois, através deles, as pessoas cegas compreendem o mundo a sua volta e desenvolvem sua capacidade cognitiva.

Compreendendo que a leitura e escrita são elementos importantíssimos na vida de pessoas cegas, esta pesquisa tem como o principal objetivo geral deste trabalho é discutir a utilização do sistema Braille no processo de alfabetização de criança cega na rede municipal de João Pessoa.

Citamos ainda os seguintes objetivos específicos:

-Compreender como se dá a alfabetização de uma criança cega;

-Identificar as contribuições da formação inicial e continuada de professores para o trabalho com crianças cegas;

-Observar algumas metodologias de ensino atualmente utilizadas para a alfabetização de crianças cegas no ensino regular de João Pessoa.

Para tanto, almejamos com este trabalho enfatizar esta temática e sua importância. Apresentamos esta problemática, por acreditar que seja importante para que professores e alunos conheçam e reflitam sobre a importância do Braille para o processo de ensino e aprendizagem da criança cega no ensino regular.

Diante dessa problemática e, por entender que o sistema Braille é pouco empregado e ainda que há poucos estudos acerca da utilização deste sistema na

escola regular, esperamos, a partir do nosso conhecimento e de novas descobertas que virão com este estudo, despertar o interesse de outros educadores sobre essa temática.

Quanto à organização do texto, começamos falando sobre o sistema braille, sua história, importância e materiais usados para ler e escrever. Depois, falamos sobre o método, os resultados encontrados e as minhas conclusões.

2. APRENDIZAGEM E ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS CEGAS: UM CAMINHO POSSÍVEL

Consideramos que a educação inclusiva é fundamental para o desenvolvimento das crianças com deficiência visual. E esse caminho torna-se possível através dos educadores, que deverão saber como adaptar os conteúdos para que esses alunos possam realmente aprender. Portanto, essa aprendizagem das crianças com deficiência visual e importante não apenas para o intelecto delas, mas também para que possa desenvolver sua autonomia e colocar suas vontades em prática.

Assim, a leitura e a escrita são muito importantes para garantir a alfabetização, ou seja, a aprendizagem de todas as crianças com deficiência visual, principalmente aquelas que possuem cegueira congênita ou adquirida. Logo, a aprendizagem dessas crianças na escola faz com que elas cresçam e se desenvolvam também na sociedade. “O conhecimento permanece como uma aventura, para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável” (Morin et al., 2000).

Na história da educação especial, vemos que os alunos com deficiência visual passaram por muitas dificuldades (Januzzi, 2004). Mas, veio o processo da reabilitação e, atualmente, os professores fazem a adaptação dos conteúdos, que é necessário para que essas crianças aprendam. Além da adaptação adequada dos conteúdos, é preciso alfabetizar através do sistema braille, que é muito importante para que as crianças desenvolvam a capacidade de pensamento e linguagem, além de maior independência na escrita e na leitura, fazendo com que esse aluno, esteja de fato incluído. Isso também proporcionará maior facilidade de comunicação e socialização.

Neste capítulo, vamos conhecer algumas características das crianças cegas e com baixa visão para entendermos como elas aprendem. Vamos trabalhar também a história e a importância do sistema braille, compreendendo a necessidade de formação dos professores para entender como utilizar o braille em sua sala de aula.

2.1 Características da criança cega e com baixa visão

Em primeiro lugar é importante destacar que existem as crianças com cegueira congênita e com cegueira adquirida e que há diferenças significativas no processo de ensino-aprendizagem do Sistema Braille, se considerarmos as peculiaridades destes dois tipos de crianças.

De acordo com o boletim emitido pelo Centro de Estudos e Pesquisas do Instituto Benjamin Constant:

> …as pessoas com cegueira congênita (aquelas que nasceram cegas ou ficaram cegas na primeira infância), aprendem o Braille como seu primeiro alfabeto e, normalmente, se previamente bem preparadas nos aspectos motor, sensorial, cognitivo, psicológico e sócio afetivo, aprenderão o Sistema Braille sem muitas dificuldades. (IBC, 2015)

Já as pessoas com cegueira adquirida, na maior parte das vezes, aprendem o Braille como seu segundo alfabeto, pois inicialmente foram alfabetizadas no sistema comum (em tinta). "Desta forma, apresentam, muitas vezes, dificuldades táteis, seja pela falta do desenvolvimento necessário deste sentido para o aprendizado do Braille, seja por doenças, como o diabetes (que quando descontrolado leva à cegueira) ..." (IBC, 2015).

Pessoas com baixa visão, por sua vez, são aquelas que podem apresentar características variadas. Algumas conseguem perceber formas e contornos, outras precisam estar bem próximas do quadro negro para poder ler e escrever os conteúdos escolares.

Muitas vezes os estudantes com baixa visão pode apresentar irritabilidade e desatenção na sala de aula, pois o professor da sala regular não está conseguindo contribuir para que esse seu estudante aprenda.

Por isso, é fundamental que os educadores tenham atenção e preocupação, procurando dialogar com estes alunos para descobrir as maiores dificuldades para a realização de suas tarefas. Muitos profissionais não conversam e não procuram saber

o que se passa com seus alunos, que, às vezes, acabam sendo mal sucedidos em suas atividades, perdem o interesse pelas aulas e passam a discutir com seus colegas.

Porém, quando o educador possui formação em educação especial, procura tratar sobre a inclusão dentro de sua sala de aula, explicando que tem um aluno com baixa visão ou com qualquer outro tipo de deficiência. Busca também o apoio dos cuidadores e dos professores do atendimento educacional especializado. Além disso, procura adaptar as atividades para que os alunos com baixa visão possam compreender todo o conteúdo trabalhado, por meio de atividades orais ou de áudio descrição. Então, se esses alunos tiverem maior atenção em sala de aula, eles poderão aprender.

2.2 Os relatos da história do sistema braille no Brasil

O sistema de leitura e escrita Braille, que foi configurado a partir de seis pontos em relevo, é reconhecido como um sistema tátil que, através dos próprios dedos, ajuda crianças e adultos com cegueira a identificar todos os conteúdos passados por seus professores. Essa ideia se deve ao criador desse sistema, que foi o francês Louis Braille que, através desses seis pontos contribuiu para uma maior independência das pessoas cegas.

O Braille surgiu em 1825, na França, em um contexto histórico marcado por muitos conflitos e guerras. Neste cenário, as mensagens escritas eram de difícil leitura, e por isso surgiu a necessidade de se criar uma forma de escrita e de leitura que não necessitasse de luz e que pudesse ser lida à noite. Foi então que Charles Barbier criou um sistema de escrita e leitura em relevo que poderia ser lido através dos dedos, que se chamou de sistema de escrita noturna (Melo, 2013).

Louis Braille, que aos três anos sofreu um acidente na oficina de seu pai com as ferramentas de seu ofício, acabou perfurando um de seus olhos, que por falta de recursos médicos lhe causou uma infecção que resultou na perda do outro olho. Aos dez anos, Braille foi encaminhado ao Instituto para Jovens Cegos em Paris onde conheceu o sistema de escrita noturna. Tendo aprendido ao utilizá-lo percebeu que esse sistema era muito limitado, e por isso, resolveu modificar e ampliar o número de

caracteres do sistema da escrita noturna, mudando o nome para Sistema de Escrita Braille, em homenagem ao seu nome. (IBC, 2021).

> O sistema Braille é um sistema de leitura e escrita tátil que consta de seis pontos em relevo dispostos em duas colunas de três pontos. [...] Esses seis pontos formam 63 combinações diferentes, formando letras, números, símbolos de pontuação, notação musical e símbolos matemáticos [...] (Scherer; Cid; Blocker; Zimmermann, p.247, 2017).

Comparando com o sistema de escrita noturna, percebe-se que o Braille representa um grande avanço, pois passou a conter símbolos matemáticos, notações musicais e pontuações. Após o conhecimento desse sistema, o braille se popularizou em toda a Europa, servindo de instrumento de inclusão para as pessoas com deficiência visual, seja ela parcial ou total. (IBC, 2021)

O sistema Braille chegou ao Brasil no ano de 1854, com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant (IBC), localizado no Rio de Janeiro (Melo, 2013).

Outro avanço importante aconteceu no ano de 1946, quando Dorina Gouveia Nowill, primeira mulher cega que se tornou professora em nosso país, criou a fundação para o livro do cego no Brasil, a qual, por muitos anos distribui gratuitamente livros em braille às residências e instituições de pessoas cegas em todo território nacional. (IBC, 2021)

Em se tratando do estado da Paraíba, no de 1944, a professora Adalgisa Cunha, busca concretizar o sonho de criar uma instituição que pudesse acolher às pessoas cegas. Para isso, está professora fez uma viagem ao instituto Benjamin Constant, a fim de especializar-se no método braille. Seu sonho se transformou na criação do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC), que durante muitos anos funcionou como um internato onde os alunos permaneciam durante semanas e até meses sem contatos com os membros de sua família (Almeida, 2021).

Desde a criação até os dias atuais o instituto passou por muitas reformas e, no ano de 2008, encerraram-se as atividades do internato, já que todos os seus alunos passaram a frequentar as escolas da rede regular, conforme orientações da política nacional de educação especial na perspectiva inclusiva. (Almeida, 2021)

Além disso, em parceria com a secretaria municipal de educação foi criada uma escola que funciona dentro do próprio instituto, a fim de suprir aquelas dificuldades que o ensino regular ainda não consegue atender.

Como vimos, o sistema Braille alcançou muitos avanços ao longo de sua história. Nestes quase 200 anos de existência muitos institutos de cegos espalhados pelo Brasil e também muitas escolas regulares se empenham em alfabetizar crianças e jovens com deficiência visual através desse sistema que garante a autonomia a estes estudantes.

2.3 As ferramentas para leitura e escrita Braille

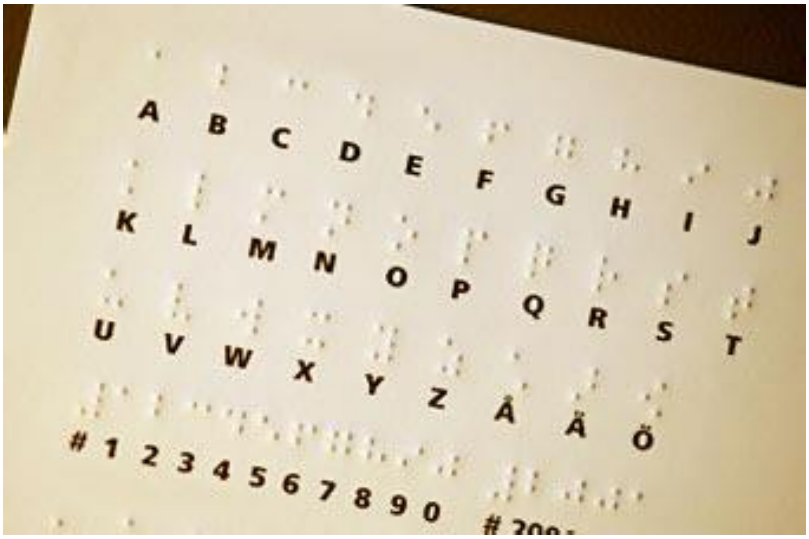
Para o processo de leitura e escrita Braille utilizam-se algumas ferramentas indispensáveis. Neste tópico serão apresentadas algumas ferramentas que são de grande importância para que as crianças cegas tenham a sua própria autonomia na escrita e também na leitura, e assim compreendam os conteúdos escolares. Esses recursos são chamados atualmente de tecnologia assistiva (Brasil, 2015). Os mesmos podem ser manuais ou eletrônicos, e se destacam em razão de suas grandes contribuições no processo de desenvolvimento cognitivo dos estudantes com deficiência visual.

A seguir, apresentamos alguns materiais utilizados para a leitura e escrita braille:

2.3.1 Livro Braille:

Os livros em Braille podem ser didáticos ou paradidáticos e possuem grande importância principalmente no período de escolarização de crianças cegas. Ao ler textos em Braille, esses estudantes adquirem clareza acerca da grafia das palavras, o que nem sempre é possível na leitura através do computador.

Figura 1: Livro braille

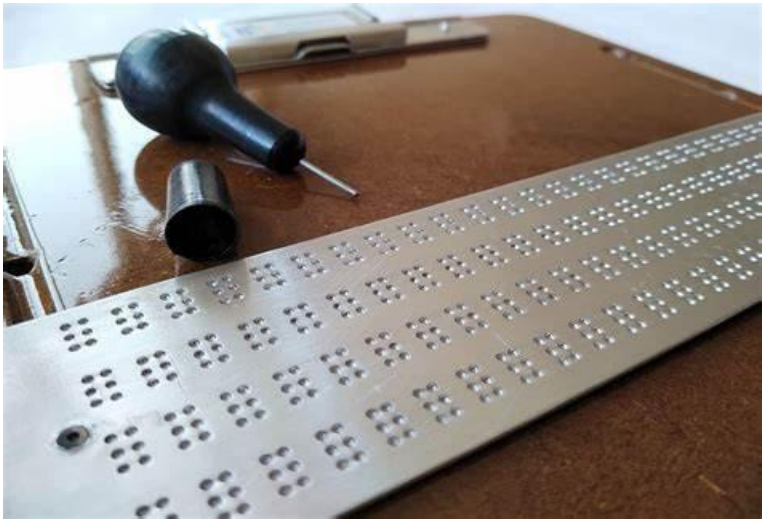


Fonte: Livros & Coisas: 4 DE JANEIRO: DIA MUNDIAL DO BRAILLE (livros-e-coisas-de-paranhos.blogspot.com)

2.3.2 Instrumentos para a escrita Braille:

A reglete e o punção são instrumentos indispensáveis para a alfabetização das crianças cegas. É através destes instrumentos que se aprende a escrever em Braille. Estes instrumentos são de baixo custo e com o auxílio de papel possibilitam a escrita de letras, números, sinais matemáticos e outros códigos a exemplo da musicografia e a tabela de elementos químicos em Braille.

Figura 2: Reglete e punção



Fonte: Reglete De Mesa A4 Com Punção | Parcelamento sem juros (mercadolivre.com.br)

Além disso, existem outros recursos, de custos mais elevados, a exemplo da máquina de datilografia, da impressora e da linha braille, e instrumentos que devido ao seu custo são de difícil acesso, porém são considerados como grandes avanços no processo da leitura e escrita braille.

2.3.3 Aparelhos eletrônicos para transcrever os textos em Braille

Para poder ajudar alunos cegos que não conseguem fazer uso da reglete e da punção em sala de aula, existe a máquina de datilografia braille que ainda é utilizada para ajudar esses alunos.

Figura 3: Máquina de datilografia braille

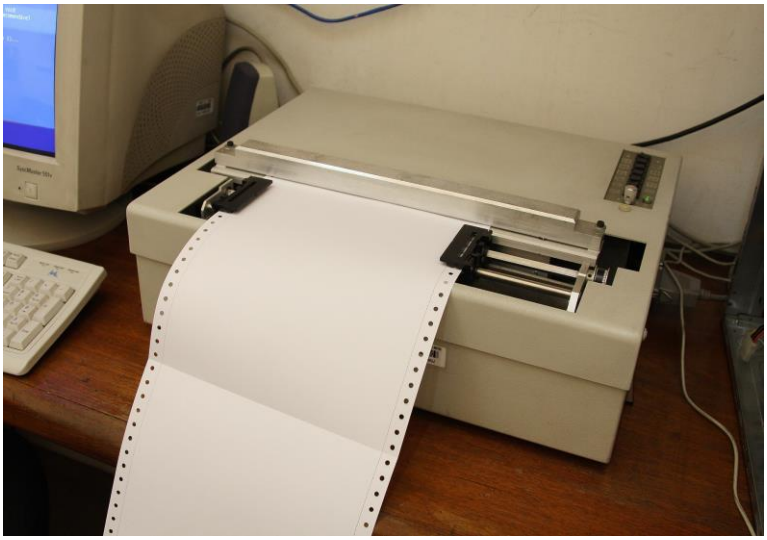
Fonte: Máquina de Escrever Braille Perkins Smart (lojaciviam.com.br)

2.3.4 Impressora e linha Braille

Existem ainda alguns equipamentos eletrônicos que ajudam na transcrição de textos em tinta para o sistema braille. A impressora braille é uma ferramenta de alto

custo, mas também de muito valor. Ela fica sempre na sala de recurso e as escolas que não tem impressora braille devem recorrer a outras instituições para garantir a impressão de todos os materiais escolares.

Figura 4: Impressora braille



Fonte: Marcos Santos/ USP Imagens

Além disso, existem outros recursos, de custo mais elevado, a exemplo da linha braille, instrumento que devido ao seu custo, é de difícil acesso. Porém, é considerado como grandes avanços no processo de leitura e escrita braille.

Figura 5: Linha braille

Fonte: Tecassistiva

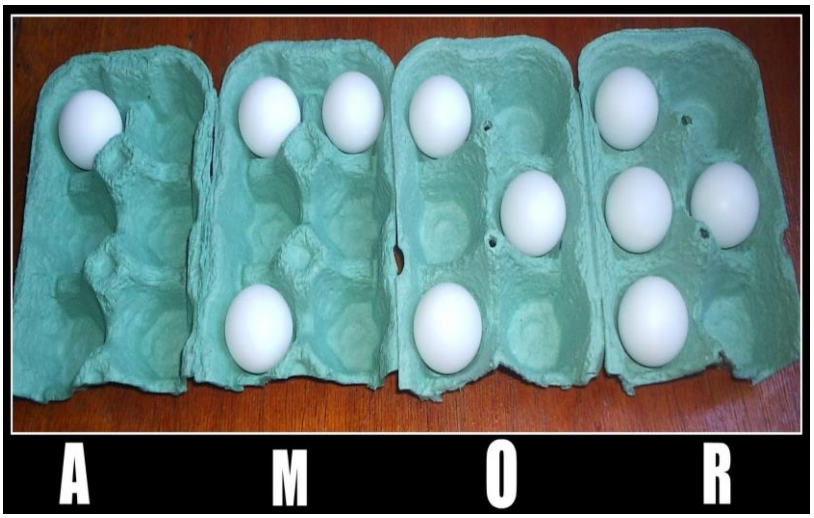
2.4 A importância do sistema braille para alfabetizar crianças cegas

Com a implementação das políticas de educação inclusiva, fica claro que crianças cegas têm direito não somente de frequentar a escola regular, elas têm os mesmos direitos que as crianças videntes.

Para que esse direito seja realmente garantido, os profissionais da educação têm que se capacitar para ensinar o Sistema Braille a estas crianças, que necessitam contar com apoio pedagógico e suporte para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Assim, a criança cega terá um desenvolvimento igual as crianças videntes. Para tanto, durante a alfabetização, antes de utilizar a reglete, as crianças precisam passar por um processo de pré braille, onde, por meio de materiais concretos, o professor estimula a coordenação motora fina e ensina a reconhecer as formas das letras em Braille. Celas braille produzidas com caixa de ovos são um bom exemplo deste material.

Figura 6: Celas braille feitas com caixa de ovos



Fonte: |||====|||||| Viva a inclusão! ----- (marciaserante.blogspot.com)

É bom lembrar ainda que, na reglete, a escrita em braille é feita da direita para a esquerda, para que, ao virar a folha, a pessoa cega inicie a leitura do lado esquerdo, utilizando a ponta dos dedos. E, como afirma Helen Keller (1940): “Os pontos braille são sementes de luz levadas ao cérebro pelos dedos, para germinação do saber”.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho é baseado nas abordagens de pesquisa qualitativa, considerando que: “A pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2001). Por entender a importância e o significado do sistema braille para alfabetização de crianças cegas, nossa pesquisa tem como objetivo discutir a utilização do sistema Braille no processo de Alfabetização de crianças cegas na rede municipal de João Pessoa.

Como procedimento para coleta dos dados, foram realizadas entrevistas com três professores em uma escola da rede municipal de João Pessoa-PB, onde existem matrículas de crianças cegas, a fim de se entender como ocorre o acesso de leitura e escrita para essas crianças.

A escolha da escola ocorreu porque o pesquisador já tinha conhecimento da existência de alunos cegos. Daí, buscou a Secretaria de Educação da prefeitura que enviou um documento autorizando as entrevistas. Estas entrevistas foram realizadas no mês de outubro de 2023, no período da tarde.

Para manter o nome destes profissionais em sigilo, durante o capítulo dos resultados eles serão chamados de: P1, P2 e P3.

A partir dos materiais coletados, foi feita uma análise desses resultados, que foram discutidos com base nos autores da área da educação especial e da inclusão escolar, que serão apresentados no próximo capítulo.

4. ALGUNS DESAFIOS ENCONTRADOS PARA O ENSINO DO BRAILLE EM JOÃO PESSOA

Para começar, irei apresentar um pouco dos três professores entrevistados, sobre a sua formação e os alunos com deficiência na escola.

_P1 leciona no primeiro ano há um mês e meio e pela primeira vez tem uma aluna cega;

_P2 é pedagoga e leciona no quinto ano A e possui uma aluna cega;

_P3 é pedagoga e possui dois alunos com deficiência visual, mas não sabe dizer se são cegos ou com baixa visão.

> "Dentro do meu planejamento eu já penso nela. Eu não tenho propriedade no braile, mas conheço alguns símbolos. Eu procurei aprender, eu comprei aquela maquininha, nem me lembro o nome, tá para chegar. procurei saber quando era letra maiúscula, os códigos que representam números. Eu comprei materiais táteis e uso diversos recursos sensoriais, não só com ela, mas com todo o grupo para que ela também se sinta incluída. Eu vejo as fotos dela e as atividades que ela faz lá no instituto. Eu perguntei ao professor como é que faz a alfabetização junto com ela e ele disse que o instituto que faz um trabalho. Eu vejo que lá ela sente como se fosse o espaço dela, e aqui ela não sente isso. Eu acho que ela não se sente como um espaço que é dela. Se ela está aqui na escola, a gente tem uma grande responsabilidade [...] e é direito dela estar aqui na escola" (entrevista realizada pelo pesquisador)

Posso observar que os posicionamentos de P1 são bastante positivos, primeiro porque ela procura ajudar a aluna cega e também toda a turma. Ela procura incluir e não excluir essa aluna com deficiência. Ela procura adaptar materiais, fazendo tudo que pode para garantir a inclusão da sua aluna. Essa professora afirma ainda que a inclusão é um direito de todos os estudantes, e, como diz Kassar (2014): "Desde a década de 1990, há de forma mais evidente a disseminação de um discurso que garante a todo aluno o direito de ser escolarizado e a frequentar a escola comum." (p.208). Mesmo assim, vemos que os professores são muitos inseguros, é o que nos diz P2.

> "Ela é muito inteligente e é acompanhada por um Professor auxiliar com a formação na área. Para mim foi muito difícil me acostumar com essa situação. Confesso que ela me ensina muito mais do que eu a ela, mas com o trabalho deste auxiliar fica mais fácil. Eu fico encantada quando vejo ela lendo e escrevendo com tanta desenvoltura, mas não recebi treinamento para isso.

> Quando eu cheguei aqui em março eu tomei quase que um choque quando disseram que eu teria uma aluna com deficiência visual. No curso de pedagogia não tem nada. Mas minha vida era uma e depois dessa aluna é outra". (Entrevista realizada pelo pesquisador)

Essa professora mostrou que a sua preocupação com o processo de ensino e aprendizagem de sua aluna com deficiência visual. Ela trabalhava na escola privada e nunca conviveu com esses alunos antes. No curso de pedagogia ela não teve a disciplina de educação especial, o que dificultou bastante.

> A formação de professores é um aspecto que merece ênfase quando se aborda a inclusão. Muitos dos futuros professores sentem-se inseguros e ansiosos diante da possibilidade de receber uma criança com necessidades especiais na sala de aula. Há uma queixa geral de estudantes de pedagogia, de licenciatura e dos professores (Santos & Conte, 2021).

Porém, ela fala sobre o trabalho do cuidador que é de grande ajuda para a realização das atividades como: alimentação, locomoção e higiene. Como também, do professor auxiliar que compreenda o processo de aprender desse estudante com deficiência visual.

Tem também o Instituto dos Cegos que realiza um trabalho muito importante com essas crianças, e não apenas P2, mas todas as professoras falam sobre a importância desse trabalho.

Na minha opinião, a relação entre o instituto e a escola é muito positiva, pois ele dá um grande suporte, não apenas na parte pedagógica, mas também na acolhida desses alunos.

> “Eles são alfabetizados e são acompanhados pelo instituto dos cegos. No início eu me sentia angustiada, eu chorava, não vou dar conta, é difícil, será que tô fazendo certo? Mas tem a cuidadora e eu sempre estou pedindo pra ela...Eu aprendo mais com eles do que eles comigo. Eu conheço o braille, mas não faço, os meninos fazem. Lá no instituto eles têm os professores e eles sempre dão suporte, as provas deles a supervisora leva pro instituto e eles já deixam em braille, o instituto dá muito suporte com eles, demais, demais, demais. Eu nunca vi isso na faculdade, a gente não tem nada direcionado à pessoa com deficiência visual". (Entrevista realizada pelo pesquisador)

Essa professora diz que conhece o sistema braille, porém não utiliza, ela fica dependendo apenas do apoio do cuidador, dos materiais que vem do instituto dos cegos e das tarefas que seus alunos escrevem, mas ela mesmo não usa o braille. Esse fato é negativo, principalmente quando se trata de crianças, pois os professores devem colaborar com a alfabetização de todos os seus alunos.

Observei também que nesta escola não tem impressora braille, por isso, aumenta ainda mais a procura pelo Instituto dos cegos para imprimir os materiais.

A partir das entrevistas e das observações que fiz, acredito que a alfabetização dessas crianças na escola regular é de grande importância para o seu crescimento e desenvolvimento. A participação dos cuidadores e o apoio do Instituto são fundamentais para que, no futuro, essas crianças sejam independentes e saibam conviver de forma inclusiva na sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta visita pude observar que esta é uma escola inclusiva e renomada, pois oferece uma inclusão de qualidade para as nossas crianças, procurando manter os alunos com deficiência sempre na sala de aula regular.

Para mim, foi de grande importância poder realizar este estudo em uma instituição que não trabalha voltada simplesmente para as crianças com deficiência visual, mas também com crianças que têm dificuldades cognitivas, junto com aquelas que são videntes. E também gostei muito de aprender como os educadores lidam com esses alunos, trabalhando sempre a partir da inclusão. Descobri, ainda, como as metodologias dos educadores são diferenciadas e adaptadas para os alunos.

Nas entrevistas, a metade dos professores relataram sobre a falta de uma formação no campo da educação especial. E também eles admiram e se surpreendem com as habilidades de alunos cegos, escrevendo e lendo em braille. Observei também que, para adaptar os materiais, os professores recorrem ao professor da sala de recursos ou ao Instituto dos Cegos, que tem um papel fundamental nas transcrições e no apoio aos estudantes com deficiência visual.

Os professores relataram também sobre as suas dificuldades para utilizar o sistema braille, sendo conscientes de que, se tivessem o domínio dessa metodologia, ajudariam bem mais os seus alunos durante as atividades.

Através desta pesquisa, espero que os educadores tenham mais atenção e busquem se capacitar para poder ajudar os alunos, com deficiência visual, dentro da sala de aula. Portanto, trago estas questões sobre as crianças cegas para que estudantes e educadores possam realizar algo para estimular o seu desenvolvimento.

Espero ainda, que os educadores que estão concluindo o seu curso, principalmente os que estão na área de educação especial, foquem em questões ligadas às metodologias de inclusão dentro e fora da escola. Para aqueles educadores que já trabalham na escola regular, que busquem uma formação continuada para uma melhor adaptação dos materiais pedagógicos, lutando para que a inclusão realmente aconteça.

Para as crianças cegas, é muito importante que sejam alfabetizadas através do sistema braille. Para mim, que sou pessoa com baixa visão, gostaria muito de ter sido alfabetizado com o braille. Quando eu era criança, eu ainda via, mas tinha muitas dificuldades na leitura e na escrita. Porém, na cidade onde eu nasci não existia essa

alfabetização inclusiva. Só fui aprender o braille depois que entrei no Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha e fui perceber como era esse método através de um curso voltado para essa temática. E gosto bastante de poder aprender e passar o meu conhecimento para as pessoas que não sabem o braille.

Portanto, o braille é muito importante para a independência e para o desenvolvimento cognitivo da criança cega.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luzia. Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha. Benjamin Constant, 2021, Disponível em: < http://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/587>.

Centro de Estudos e Pesquisas do Instituto Benjamin Constant Divisão de Pesquisa, Documentação. *GOV.BR*, 2015 Disponível em: < https://www.gov.br/ibc/ptbr/pesquisa-e-tecnologia/centro-de-estudos-e-pesquisas-do-ibc1/boletins/2015/boletim-jan-fev.pdf>.

Centro de Estudos e Pesquisas do Instituto Benjamin Constant Divisão de Pesquisa, Documentação. *GOV.BR*, 2021.

JANNUZZI, G. DE M.. A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 124, p. 255–256, jan. 2005.

KELLER, Helen. A história da minha Vida. 2. ª edición. Livraria José Olympio Editora, Rua do Ouvidor, 1940.

KASSAR, M. DE C. M.. A formação de professores para a educação inclusiva e os possíveis impactos na escolarização de alunos com deficiências. *Cadernos CEDES*, v. 34, n. 93, p. 207–224, maio 2014.

MELO, Erika Soares de. Ações colaborativas em contexto escolar: desafios e possibilidades do ensino de química para alunos com deficiência visual. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar et al. *Os setes saberes necessários à educação do futuro.* Cortez Editora, 2014.

SANTOS, A. S. D., & ELAINE, C. Educação Inclusiva: pontos e contrapontos à problemática. [capítulo de livro]. 2021.

SCHERER, Loreci Teresinha Scherer Teresinha; CID, Rosina Schalm; DA SILVA BLOCKER, Camila. A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA ESCOLA E A ALFABETIZAÇÃO EM BRAILE. *Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta-RS*, v. 5, n. 1, p. 244-252, 2017.